

EXPRESSÕES, MOVIMENTOS, RITMOS E SONS DA REDE: A DANÇA E SEUS ESPAÇOS QUANTO FORMA DE LINGUAGEM

Ana Paula Almeida Alves
SME-RJ

RESUMO

Reconhecer a dança como conhecimento é essencial para uma educação que se propõe social em um mundo enraizado por dicotomias como: corpo/intelecto, mental/manual, ciência/arte. Desde 1996 a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) apresentou uma nova proposta de política educacional intitulada Multieducação, onde em seu Princípio Educativo de Cultura e Linguagem abriu espaço para que a escola proporcionasse a democratização do acesso às múltiplas linguagens que constroem um cidadão e o livre manifestar das diferenças, com lugar especial para o ensino da dança como forma de aprendizagem. Objetivando estimular esta construção crítico-reflexiva através de múltiplas formas de conhecimento, além da verbal, a SME desenvolve projetos culturais, relacionados à dança, com e no chão das escolas como: Orquestra de Vozes Meninos do Rio, Escola de Bamba, Mostra de Dança e Ciranda de Espetáculos. Para verificar como estes projetos acontecem nas escolas e que fatores influenciam nessa execução, fazendo com que a teoria da Multieducação se torne uma prática real, uma pesquisa de campo, por observação participante foi desenvolvida em duas escolas com realidades bem distintas, acompanhando o processo de construção destes projetos durante o ano letivo de 2004. Entre o pensar e o fazer há uma infinidade de fatores que influenciam o movimento dialético entre teoria e prática como questões espaciais e a sua falta de manutenção, o trabalho de apoio diferenciado nas unidades escolares com relação aos projetos culturais e a própria motivação interna para um fazer pedagógico diferenciado entre escolas de uma mesma rede que se apóia em uma única política educacional.

Palavras chave: Dança, escola, múltiplas linguagens, política educacional.

INTRODUÇÃO

A vida em sociedade, a construção de identidades e o desenvolvimento do homem são dependentes da nossa cultura que faz e se faz através da arte. Percebe-la como inerente ao ser humano, ao ser social é uma tarefa penosa em um mundo onde as dicotomias intelecto/corpo, mental/manual, ciência/arte, erudito/popular, razão/emoção estão historicamente enraizadas.

Reconhecer a dança como conhecimento é essencial para uma educação que se propõe um espaço social onde caiba a ousadia, a criatividade, os sonhos e diferentes falas, e que seja comprometida com o desenvolvimento pleno e com a identidade própria do ser humano. E criar na escola espaços onde o conhecimento se construa através desta linguagem é permitir que o aluno dê asas à imaginação, o que como dizia Einstein *“é mais importante que o conhecimento, pois este é limitado, enquanto a imaginação pode abranger tudo o que existe no mundo, incentivar o progresso, é fonte de evolução e, no sentido estrito, é fator de investigação científica”*.

A política educacional do município do Rio de Janeiro expressa pela Multieducação, apresentou em 1996 uma nova proposta de conduzir a prática pedagógica junto à rede de ensino. Em seu Núcleo Curricular Básico o Princípio Educativo de Cultura e linguagens abriu espaço, mesmo que na teoria, para o mundo da dança. A cultura vista como o modo pelo qual as pessoas vivem e aprendem no seu grupo social e nas relações com os outros criando representações simbólicas nos aponta que os costumes, ritos, mitos, crenças, hábitos e tradições são formas de vivenciar a cultura e que alguns dos veículos disseminadores dessas ações são a poesia, a dança, a música, a pintura, o cinema, enfim formas de expressões artísticas.

Essas múltiplas formas de expressão caracterizam as múltiplas linguagens determinadas pela Multieducação nos seus Princípios Educativos, uma vez que, parafraseando Ostrower (1987) *“a capacidade de comunicação humana não se restringe às palavras. Existem na faixa de*

mediação significativa entre o nosso mundo interno e externo, outras linguagens além das verbais”. Desta maneira, ao ser idealizada e redigida a nova política educacional do município do Rio de Janeiro depositou na escola a responsabilidade de democratização do acesso aos meios e às linguagens que constroem um cidadão e a democratização da vida cultural organizada ao mesmo tempo em que estimula a democracia cultural com livre manifestar das diferenças, onde o aluno pode ganhar voz e vez. Porém, por ser uma rede de ensino muito extensa existem dificuldades em se colocar em prática esta teoria, muitas unidades escolares ainda vêem a dança como instrumento para florear datas comemorativas ou ocupar o tempo ocioso dos alunos, e não como uma ferramenta de construção do conhecimento. Como o ensino da dança é realizado nas escolas? Que fatores contribuem para facilitar ou dificultar este processo dialético entre teoria e prática? São inquietações da maior rede pública municipal de ensino da América Latina.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

O foco central desta análise se debruça sobre os projetos culturais desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME), junto às escolas, voltados para as atividades com dança como a Escola de Bamba, que é a escola de samba da prefeitura; a Orquestra de Vozes Meninos do Rio, que é o coral da prefeitura composto por mil alunos que cantam e dançam; a Mostra de Dança, que é a apresentação dos trabalhos desenvolvidos com dança das unidades escolares e a Ciranda de Espetáculos, que leva grandes apresentações de grandes companhias de dança até às escolas. Objetivando oportunizar aos alunos das escolas públicas municipais a possibilidade de conhecerem nossa diversidade cultural e de construir conhecimento reflexivo a partir de outras linguagens que não a verbal, todos esses projetos abrem espaço para uma ação pedagógica que permite segundo Garcia (2000):

“... fluir a imaginação de nossos alunos e alunas, e sua intuição e sua sensibilidade, e ao pretender educar (o que não significa domesticar) o olho, o ouvido, o tato, o olfato, a gustação, formas de conhecimento do mundo e de si mesmo, pois só assim lhes será oferecida à possibilidade de diversidade de pensamento, de diversidade de linguagens. Musicalizar a vida, poetizar a vida, sentir o cheiro da vida, saborear a vida, cantar e dançar a vida, ver a beleza da vida, tornar a vida bela...” (p.12)

Verificar como estes projetos acontecem nas escolas e que fatores influenciam positivamente e negativamente para o seu desenvolvimento fazendo com que a teoria da Multieducação se torne uma realidade pedagógica é objetivo primeiro desta pesquisa. Desta forma, tendo como referência a pesquisa social qualitativa o trabalho de campo foi a metodologia utilizada para investigar as inquietações anteriormente propostas. Através de observação participante foi estudado durante todo o ano letivo de 2004 o processo pedagógico de participação de unidades escolares nos projetos de dança desenvolvidos pela SME, quantidade de projetos de que participa, como se desenvolve o processo de participação, que fatores contribuem para a realização dos mesmos e quais dificultam sua prática.

AMOSTRAS

Duas unidades escolares da rede municipal, de Coordenadorias diferentes e com realidades bem distintas foram escolhidas para a pesquisa através de observação participante, o que aconteceu durante todo o ano letivo de 2004, duas vezes por semana por duas horas por encontro em cada escola nos dias e horários em que as atividades observáveis eram realizadas junto aos alunos.

CIEP Operário Vicente Mariano, 4ª CRE, escola de Educação Infantil até o nono ano do ensino fundamental com dois turnos de trabalho. Além de ter o seu quadro de funcionários completo, professores, diretores, coordenadores, auxiliares de serviços gerais e merendeiras, conta com uma comunidade bastante participativa. Sua estrutura de CIEP garante a oportunidade de ter quadra poliesportiva coberta, amplo auditório, sala de vídeo e biblioteca tudo em perfeito estado de conservação e limpeza. Localizada em uma área considerada de risco dentro do

Complexo de Favelas da Maré, mais especificamente na Baixa do Sapateiro na famosa Faixa de Gaza da favela, onde os poderes da polícia e do crime organizados estão em constante confronto sem dia ou hora marcado, fazendo com que a comunidade viva eternamente sob tensão. Lugar onde a pobreza, a exclusão, a violência e o sentimento de fracasso andam fortemente entrelaçados. Mas lá está o “Operário” resistente como um Quilombo se fazendo espaço de oportunidades, construindo junto com seus alunos uma trajetória diferente da que muitos anunciam como inevitável, o fracasso e a evasão escolar. E lá está o “Operário” com suas danças, músicas, poesias, vozes, cantos, risos e prantos. Entrar pelos seus portões é sentir o pulsar de uma escola viva, feliz e comprometida com a educação, que vê a valorização do aprendizado através de múltiplas linguagens como uma via de criação de sistemas simbólicos da cultura, incentivando os alunos a criarem formas únicas de pensamento crítico, extrapolando assim, as barreiras dos padrões e modelos tradicionais de aprendizagem otimizando a construção do conhecimento. A dança está presente no seu dia-a-dia escolar de forma tão intensa que o pulsar da escola é diferente, que quem nela entra é envolvido por uma movimentação diferente, por um que fazer diferente, que transforma a sua comunidade e a torna capaz de dialogar com e refletir sobre a sua realidade em busca de uma perspectiva de mudança das próprias condições de vida.

Escola Municipal Déborah Mendes de Moraes, décima CRE, Pedra de Guaratiba, zona oeste da cidade maravilhosa, segunda escolha escolhida para a pesquisa. Com características peculiares o bairro é uma região pesqueira que começou a crescer desordenadamente, a iluminação pública não chega a todos os lugares, assim como o saneamento básico e o calçamento. Em determinados locais as condições de vida dos moradores são bastante precárias com um dos menores IDH do município e a migração de pessoas oriundas das regiões norte e nordeste se faz sentir de forma bastante expressiva. Em contrapartida em outros pontos do local observam-se ruas bem arborizadas com residências suntuosas, igrejas históricas, um comércio de restaurantes e de frutos do mar bastante atuante e uma bela vista para a Restinga de Marambaia, embora a praia esteja poluída. Esta profusão de pessoas vindas de várias regiões, de diferentes modos e condições de vida, de diferentes hábitos faz da Pedra de Guaratiba um centro de diversidades culturais.

Outra característica que chama a atenção é o elevado consumo de drogas lícitas e ilícitas, principalmente entre os adolescentes locais, o que vem aumentando a violência local. A falta de perspectivas para o futuro por parte destes jovens também é marcante no contexto provinciano da pedra, motivo pelo qual um grande percentual deles se mostra desmotivado para o estudo e para o trabalho assalariado.

A comunidade da E. M. Déborah Mendes de Moraes é composta por estes jovens perfazendo um total de mil e quinhentos alunos distribuídos em dois turnos de sexto ano até o nono ano do ensino fundamental. A escola apresenta uma estrutura predial extremamente precária, sem quadra coberta, sem auditório, possuindo apenas uma sala de leitura que acaba se transformando em sala multimeios e de vídeo, tanto o pátio quanto o refeitório são desproporcionais ao quantitativo de alunos existentes na unidade. O prédio é velho e a poluição visual que causa é grande, o que causa dificuldades à manutenção do pouco que se tem. Duas peculiaridades chamam a atenção: esta é a maior escola em quantitativo de alunos do bairro e ainda não sofreu reforma ao passo que outras unidades menores já possuem instalações reformadas; e a unidade funciona com superlotação de turmas chegando a ter cinquenta e um alunos dentro de uma sala.

Seu quadro de funcionários nunca está completo, faltam auxiliares de serviços gerais, merendeiras e inspetores. O corpo docente é instável dificultando o trabalho pedagógico, pois pela distância e condições estruturais os professores preferem sair na primeira oportunidade para outra unidade em melhores condições. Os que permanecem realizam um esforço diário com o intuito de construir um trabalho de qualidade. Nela a dança vem ocupando espaços cada vez maiores, por ser motivante, por desenvolver a sensibilidade e o sentido estético e por fazer o aluno se sentir parte integrante e importante deste espaço, prática que muitas vezes não esbarra na falta de vontade docente ou discente, mas na precária condição estrutural e espacial.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Após a observação de todo o ano letivo de 2004 destas duas unidades escolares com relação à realização e participação dos projetos com dança oferecidos pela SME alguns resultados significativos mostraram que diversos fatores influenciam de maneira diferenciada a implementação e execução destes projetos.

A questão da estrutura predial e espacial na primeira escola é um facilitador, uma vez nesta unidade existem salas específicas para a realização das oficinas necessárias para o desenvolvimento dos projetos, porém na segunda escola é um ponto negativo, pois a unidade não apresenta local apropriado para estas atividades, que são realizadas na sala de leitura ou na quadra descoberta debaixo de sol, quando estes locais estão desocupados.

O incentivo da direção da escola para a realização dos projetos apresentou-se diferenciada nas unidades escolares, na primeira observou-se uma diretoria participativa e exigente com relação à participação nos projetos com dança da SME, fazendo parte do cotidiano escolar, na segunda unidade a direção não se apresentou motivada ou exigindo a participação, em determinados projetos preferiu até não participar para não ter trabalho demais.

O corpo docente que atua nestes projetos por vontade própria na primeira unidade é de um total de dez professores, na segunda unidade o total é de dois professores o que dificulta o desenvolvimento dos projetos. A participação dos alunos em ambas as escolas é excelente, embora em uma maioria de meninas.

As CREs demonstraram interesses diferenciados na participação dos projetos com dança, apresentando a quarta CRE mais incentivo às escolas do que a décima CRE, o que afeta proporcionalmente o interesse das escolas.

O comprometimento da escola com a importância da construção de conhecimento através da dança na primeira unidade apresentou-se excelente tornando o processo de ensino-aprendizagem mais rico e mais coerente com a proposta da Multieducação, na segunda unidade escolar apresentou-se como um comprometimento fraco onde apenas dois professores utilizavam-se desta rica linguagem no seu fazer pedagógico.

Todos estes fatores que para a primeira escola foram facilitadores e para a segunda atuaram de maneira negativa fizeram com que a participação nos projetos com dança da SME fosse de um total de quatro e dois respectivamente.

CONCLUSÕES

O reconhecimento da dança como uma linguagem capaz de contribuir para a formação do cidadão tão almejado pelas diretrizes e bases educacionais do Brasil, como um conhecimento capaz de dar “voz” aos excluídos para fazer valer a educação inclusiva é excitante aos olhos dos que têm a oportunidade de ler a Multieducação. Permitir que os corpos falem para outros corpos dos seus sentimentos mais escondidos, de suas inquietações, seus desejos, suas revoltas é estimulante para os que sabem que por intermédio da dança se constroem identidades. Mas, nem sempre, o caminho das ações pedagógicas é tão motivante assim, existe entre o pensar e o fazer uma infinidade de fatores que influenciam de forma marcante o movimento entre teoria e prática.

A questão estrutural das escolas é imprescindível para que este tipo de atividade se realize. A necessidade de a escola possuir um ambiente adequado seja um auditório ou uma sala menor, completamente livres em seus espaços é o mínimo desejável.

Escolas recebendo um quantitativo de alunos superior aos que saem já se tornou habitual em uma rede que tem o dever legal de oferecer ensino a todas as crianças em idade escolar, o que ocasiona a ocupação desordenada de espaços que são utilizados para o desenvolvimento destas atividades artísticas e que precisam de um ambiente específico. Como introduzir a dança no cotidiano escolar se não há local adequado? Aqueles professores e alunos que têm a sorte de estar em uma escola com a estrutura dos CIEPs ou de uma escola modelo têm a chance de vivenciar estas práticas pedagógicas. Aos demais, que são a grande maioria, só restar lutar pela conquista e manutenção destes espaços, caso contrário, a escola estará fadada a trabalhar quantitativamente e não qualitativamente. Uma política educacional que tem a intenção de

incentivar experiências ricas e diversas com linguagens, culturas, tempos diversos, tem o dever de garantir os espaços também diversos, de maneira igualitária, para que as práticas se constituam de fato.

Questões espaciais tão “gritantes” e a falta de entendimento da necessidade da criação e manutenção destes espaços comprometem o movimento dialógico entre a teoria e a prática apresentadas pela Multi e pelo cotidiano escolar, que esbarra sempre no dilema: como trabalhar o quantitativo de forma qualitativa.

Outro ponto crucial é o trabalho diferenciado das Coordenadorias Regionais de Educação (CRÊs), que perfazem um total de dez, com relação aos projetos oferecidos pela SME e desenvolvidos no interior das unidades escolares. O grau de importância a eles conferido, o incentivo dado às escolas em experienciá-los e torna-los parte integrante de seu que fazer pedagógico se apresenta de forma diferente entre as CRÊS. Dois movimentos distintos podem ser observados: um da CRE para a escola, quando a primeira cria estratégias para motivar e incentivar este tipo de projeto nas suas unidades de ensino, e outro solitário da própria escola que busca esta produção de maneira independente não esperando apoio por parte da sua Coordenadoria.

A motivação da escola em utilizar a dança na construção de escola viva e cidadã, que significa segundo a Multieducação, “*pensar nas relações entre as pessoas e seu meio ambiente, o trabalho, a produção cultural e as linguagens*”, é um fator importante na concretização da política educacional em vigor. A discussão constante sobre a inserção da Multi na prática pedagógica se faz necessária em uma proposta que se intitula progressista onde segundo Freire (2001):

“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.
(p.24)

Esta motivação para a linguagem da dança depende muito de uma consciência cada vez maior da comunidade escolar de que a arte é conhecimento contextualizado histórico-culturalmente e capaz de aguçar a sensibilidade, o sentido estético e crítico, a criatividade, a autonomia, a emoção e a cognição, a movimentação, capaz de aguçar o ser humano. As linguagens artísticas, onde a dança está incluída, de acordo com a Multieducação:

“Permeiam todas as áreas do saber e precisam ter seu valor reconhecido como mais uma forma de expressão e de linguagem, tão importante e necessária quanto todas as outras. A arte precisa se mostrar significativa para professores e alunos, através das experimentações, do fazer e do refletir artístico, partindo do contexto cultural e histórico daquele grupo e chegando a outros diferentes contextos”. (p.184)

O distanciamento entre a teoria e a prática ainda é grande, estratégias e a atividades vêm sendo propostas e operacionalizadas para que a dança consiga o seu espaço como linguagem, como componente curricular imprescindível de uma política que vislumbra a aprendizagem através de múltiplas formas de comunicação, como ferramenta para a democratização cultural e do acesso às diferentes linguagens que constroem o cidadão. Perceber os fatores que estão envolvidos nesta implementação para que um movimento de diálogo e discussão das ações em todas as esferas comprometidas com a educação se torne constante levará a busca de acertos na trajetória ora percorrida e a descoberta de novos caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da dança**. São Paulo: Ícone, 2000.

CALAZANS, J.; CASTILHO, J. & GOMES, S. **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARAUDY, R. **Dançar a vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GARCIA, R. L. (org.). **Múltiplas linguagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

Marques, I. A. **Dançando na Escola.** São Paulo: Cortez, 2005.

Minayo, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Nanni, D. **Dança Educação: princípios, métodos e técnicas.** Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

Ossona, P. **A Educação pela dança.** São Paulo: Summus, 1988.

Ostrower, F. **Criatividade e o processo de criação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

Richardson, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. **Multieducação: núcleo curricular básico.** Rio de Janeiro, 1996.